

PREVALÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS PELA POPULAÇÃO DE UM SERVIÇO DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Luciane Kopittke¹; Maria Helena Zanella²; Jussara R. Cony³; Airton T. Stein⁴

As plantas medicinais são utilizadas muito antes do conhecimento da agricultura, segundo registros históricos.

A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 80% da população mundial depende de plantas para o cuidado com a saúde. Relatam ainda, que 85% da medicina tradicional envolve o uso de plantas medicinais, seus extratos vegetais e seus princípios ativos.

Com o desenvolvimento da indústria farmacêutica, o uso de plantas medicinais foi caindo em desuso e, há poucos anos, a ciência voltou-se novamente para o estudo das plantas, com o surgimento de novas drogas e a reformulação da relação do homem com o ambiente.

No Brasil, os conhecimentos tradicionais dos usos mais comuns dados às plantas medicinais vêm sendo resgatados dentro de uma política pública integradora da medicina tradicional com as terapias complementares. Neste sentido, foi elaborada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, parte essencial das políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social como um dos elementos fundamentais de transversalidade na implementação de ações que promovam melhor qualidade de vida dos brasileiros. Esta política visa garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso adequado de plantas medicinais e fitoterápicos. Para atingir o objetivo desta Política, no ano de 2008 foi criado o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos com o intuito de inserir a fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) envolvendo toda a cadeia produtiva.

Os medicamentos à base de plantas medicinais podem ser considerados como recursos complementares em um programa terapêutico global, sendo que, os profissionais da área da saúde devem atentar para esse potencial, como meio de valorizar, estudar e utilizar terapêuticamente espécies vegetais nativas.

A utilização inadequada dos fitoterápicos, como na auto-medicação, pode trazer uma série de efeitos adversos. Entre os principais problemas, causados por seu uso indiscriminado e prolongado, estão as interações com medicamentos industrializados, reações alérgicas e os efeitos tóxicos.

A informação sobre a utilização de plantas medicinais pelas comunidades é importante para o desenvolvimento de estudos que estabeleçam a segurança, eficácia e garantia de qualidade das preparações.

(1) Farmacêutica do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição/Coordenadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Plantas Medicinais e Fitoterápicos do GHC (NEPFITO); (2) Odontóloga do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição; (3) Farmacêutica e Superintendente do Grupo Hospitalar Conceição; (4) Médico de Família/Gerência de Ensino e Pesquisa do Grupo Hospitalar Conceição

Instituição: Grupo Hospitalar Conceição, Avenida Francisco Trein, 596 - Gerência SSC

Sendo assim, este estudo objetivou identificar a prevalência da utilização de plantas medicinais utilizadas por uma amostra de usuários de um Serviço de Atenção Primária à Saúde.

O estudo foi do tipo transversal, utilizando um questionário semi-estruturado aplicado a 389 usuários pertencente à área adscrita de nove Unidades de Saúde do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição (SSC/GHC).

O SSC/GHC é formado por doze Unidades de Saúde (US) de atenção primária localizadas na Zona Norte do município de Porto Alegre/RS.

O questionário utilizado foi testado através de um estudo piloto prévio e o projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do GHC sob parecer nº 759/08.

A partir da aplicação do questionário à população das nove US do SSC/GHC foi encontrado que 85% desta população faz uso de plantas medicinais. A amostra foi composta por 81% de mulheres onde 85,5% fazem uso de plantas medicinais e 19% de homens dos quais 83,3% fazem uso, mostrando não haver diferença estatisticamente significativa no consumo de plantas medicinais com relação ao gênero ($p > 0.05$).

A média de idade da população em estudo foi de 48 anos ($dp=16.6$) variando de 18 a 93 anos. Houve diferença significativa quando relacionado a faixa etária dos entrevistados com o uso de plantas medicinais ($p < 0.05$) onde pessoas com mais idade utilizam mais plantas medicinais.

Com relação ao nível de escolaridade, a maioria tinha ensino médio incompleto (39%), seguido de ensino fundamental completo (23%). A renda familiar predominante na amostra estudada foi de dois a três salários mínimos (47,5%). Tanto o nível de escolaridade quanto à renda familiar não apresentou relação no consumo de plantas medicinais ($p > 0,05$).

Quando perguntados sobre a disponibilização de plantas medicinais nas unidades de saúde, 86% afirmaram que deveriam estar disponíveis. Os motivos desta afirmação foram categorizados conforme o conteúdo da resposta e dentre os de maior frequência, obteve-se que 19% acham que as plantas são naturais e, portanto sem contra-indicações, diferentemente dos medicamentos sintéticos que produzem efeitos adversos; 15% afirmam que ao ser disponibilizado pela unidade de saúde, haverá informações sobre o uso; outros 15% acreditam ser um tratamento eficaz, tendo em vista que este tipo de terapia é antigo.

Os familiares prevaleceram como os maiores responsáveis pela transmissão das informações sobre as plantas medicinais (64%). Informações obtidas nas farmácias e bancas de chás, com os vendedores e suas listagens, panfletos informativos, livretos, e opiniões sobre qual a planta utilizar em determinada situação foram referidas por 4%. Outros 4% referiram programas e propagandas de televisão, e outros meios de comunicação como a sua forma de obter conhecimento sobre as plantas. Apenas 2% apresentaram a indicação do uso de plantas medicinais como vindo de um profissional da saúde (médicos, nutricionistas e farmacêuticos), vinculado a leituras complementares.

Para 18% dos entrevistados, as plantas são adquiridas na própria residência e na mesma frequência em farmácias ou mercados, 14% adquire de outras pessoas, os demais 50% adquirem em florais, bancas de rua, feiras, mercado público ou colhem no campo.

Foram citadas cento e sessenta e seis plantas medicinais, sendo que 69 (41%) destas foram mencionadas apenas uma única vez. Também foram relacionados cinco nomes de compostos comerciais de plantas, utilizados para diferentes fins por 6% dos

usuários. Estes compostos não foram incluídos na pesquisa, por não se tratarem de uma planta medicinal específica.

As plantas medicinais com maior citação de uso foram a Marcela e Boldo para problemas digestivos, a Camomila como calmante, o Guaco como expectorante e gripe, a Malva para infecção e inflamação, o Hortelã como digestivo e “dor de barriga”, o Chá verde como digestivo e para baixar colesterol e triglicérides, o Capim cidró como calmante e o Funcho como digestivo, para “gases” e “dor de barriga”. A posologia utilizada é de diversas formas para uma mesma planta, desde uso “*diário*” até “*quando necessário*”.

As plantas mais referidas, apresentadas no presente estudo, coincidem com as espécies utilizadas em outras comunidades do estado do Rio Grande do Sul e Brasil.

As plantas não foram observadas pelos pesquisadores, apenas houve o relato do respondente, com o nome que o mesmo conhece para aquela determinada planta que ele costuma utilizar. Os nomes populares “capim-cidró” e “erva-cidreira” não foram agrupados, pois podem ou não se tratar da mesma espécie de planta.

Apesar de não ter sido realizada a identificação botânica das plantas citadas e de muitas vezes o nome popular não corresponder à mesma espécie, estes achados demonstram a necessidade de educação permanente para profissionais de saúde e população.

Em muitos relatos dos usuários foi possível identificar a preocupação deles com a segurança, eficácia e qualidade das plantas, sendo enfatizada a necessidade de pesquisas para garantir o uso adequado das plantas medicinais.

Os resultados demonstram a cultura local desta terapêutica evidenciando a importância da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Sistema Único de Saúde para o uso correto e seguro de plantas medicinais, tendo em vista que a utilização das mesmas é uma prática habitual da população.

Palavras-chaves: plantas medicinais, atenção primária à saúde